

# Nhanhembo'ê: infância, educação e religião entre os Guarani de M'Biguaçu, SC\*

MELISSA SANTANA DE OLIVEIRA

Mestre em Antropologia Social pela UFSC.

Artigo aceito para publicação em 25/11/05

**resumo** Este artigo tematiza a participação das crianças no processo de “valorização da tradição” na Aldeia Guarani M'Biguaçu, SC. A partir de uma abordagem etnográfica, discorro sobre a sua atuação nas rezas, no coral e na escola, três espaços considerados fundamentais neste processo. Com base nos pressupostos recentes da Antropologia da Educação e da Infância, mostro que a construção da *Opj* (casa de rezas Guarani), e mais especificamente, a formação do coral e a implantação da escola revelam uma intenção pedagógica das lideranças na organização de espaços de ensino-aprendizagem da “tradição” voltados para a educação das crianças. Além disso, demonstro que a participação das crianças nesses contextos está pautada numa noção de educação que concebe o ensinar (*mbo'ê*) e o aprender (*nhanhembo'ê*) como ações que se constituem mutuamente, de modo que tanto aquele que ensina como aquele que aprende são considerados sujeitos atuantes no ensino-aprendizagem.

**palavras-chave** antropologia da educação e da infância, ensino-aprendizagem, “valorização da tradição”.

**abstract** This article has as its theme children participation in “tradition valorization” process in M'Biguaçu village, SC. Through an ethnographic boarding, it discourses upon their atuation in praying, choral and school, three fundamental spaces in this process. With base in recent presuppositions of Anthropology of Education and Childhood, it shows that construction of *Opj* (Guarani Praying House), and most specifically, the formation of a choral and the implantation of a school in the village reveal a conscious and systematic leaderships' pedagogical intention in the constitution of contexts for “tradition” teaching and learning, directed to children education. Besides, it shows that children active participation in these spaces is suited in an education notion in which the act of learning (*nhanhembo'ê*) and the act of teaching (*mbo'ê*) are conceived as mutually implicated actions and both who teaches and who learns are considered subjects in the teaching and learning.

**keywords** anthropology of education and childhood, teaching and learning, “tradition valorization”.

\* Este artigo foi redigido com base em minha dissertação intitulada “*Kýringue y kuery* Guarani – Infância, educação e religião entre os Guarani de M'Biguaçu, SC”, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina em 2004. Apesar de ter estabelecido contato com o grupo desde o ano 2000, o trabalho de campo

direcionado para a problemática da dissertação foi realizado mais sistematicamente entre os meses de março e agosto de 2003. Os dados de campo são aqui apresentados como recurso de fluidez textual. Agradeço aos Guarani de M'Biguaçu pela receptividade e colaboração em campo e a Antonella Maria Imperatriz Tassinari pela orientação e incentivo à minha pesquisa.

“As crianças, quando choram, estão falando com Nhanderu, estão indo longe. Do outro lado do oceano elas olham...” (Canção Kýringu y kuery –Wherá Tupá / tradução – Karáí Djerá)

### **A *Tekoá Yj Morotĩ Wherá*: “tradição” e religiosidade**

A Aldeia M’Biguaçu (*Mbyá* Biguaçu) ou *Tekoá! Yj Morotĩ Wherá* (Reflexo das Águas Cristalinas), está localizada no km 190 da BR-101, próximo ao município de Biguaçu, Grande Florianópolis. Sua população é de aproximadamente cento e cinquenta indivíduos, que em sua maioria identificam-se e são identificados como Guarani Xiripá, havendo também a presença de pongué (“mestiços”, descendentes de casamentos interétnicos).

Dentre todos os moradores, Wherá Tupá, de noventa e três anos de idade, é considerado o mais sábio e respeitável. A ele se referem como *Tche ramõi* (meu avô) e à sua esposa como *Tche djarj i* (minha avó), independente do laço de parentesco. Wherá Tupá é o *Karáí*, liderança religiosa<sup>2</sup> da aldeia que conduz sessões de reza diárias na *Opj* (casa de rezas Guarani), e é quem atribui o *tchererj* (nome Guarani) às crianças. Sobre isso me contou:

É uma tarefa muito trabalhosa. Eu tenho que ver a criança, ir para casa e conversar com o *Nhanderu*. O céu é dividido em vários lugares e a cada lugar corresponde um nome. Cada criança recebe o nome do lugar de onde vem...<sup>3</sup>

1. O termo *tekoá* é o modo pelo qual os Guarani se referem a uma terra onde podem viver de acordo com seus preceitos morais, ou seu modo de ser (Melià 1989). Nimuendajú ([1914] 1987) afirma que para os Guarani o termo *teko* significa religião e costume.
2. Karáí também consiste num nome masculino comum. Ao longo do texto grafarei *Karáí* (em itálico) ao referir-me à liderança religiosa e Karáí (sem itálico) ao referir-me a nome masculino comum.
3. A liderança religiosa Guarani é quem realiza a nomeação das crianças, que consiste na atribuição do

Nos últimos anos as lideranças de M’Biguaçu têm investido num movimento de “valorização” do que consideram ser a sua “tradição”. Ao referir-me ao termo tradição não estou fazendo alusão a aspectos “imutáveis” da cultura Guarani, mas sim a um conceito êmico apropriado por sujeitos que tomam alguns conhecimentos e práticas a eles relacionadas como elementos constituintes de um “passado comum”, que lhes confere um sentimento de unidade e que os caracteriza como um grupo específico no presente (Toren 1988).

Na direção desta “valorização da tradição” é possível apontar três movimentos de suma importância: 1) A criação de uma escola na aldeia em 1996, no contexto mais amplo da conquista do direito à educação escolar diferenciada por parte dos povos indígenas no Brasil.<sup>4</sup> Essa escola foi instituída a partir de uma decisão política das lideranças no intuito de propiciar aos alunos Guarani um estudo que permitisse o seu acesso aos conhecimentos não-índios mas, principalmente, o aprendizado da escrita e leitura da língua Guarani. 2) A formação do Coral *Yjytchĩ Ovj* (Nuvens Azuis) em 1998. O coral performatiza músicas e danças Guarani, relacionadas a questões míticas e religiosas. 3) A construção, na mesma época, de uma *Opj*, feita de taquara, barro e coberta por palha, em frente à casa do *Karáí*. A existência de uma casa de rezas é considerado um fator fundamental na configuração da vida religiosa do grupo.

Essas iniciativas revelam uma preocupação das lideranças, especialmente do *Karáí*, com a

nome por meio de cerimônia em que se identifica o lugar de origem da alma da criança. A este local corresponde uma divindade a qual o nome faz referência (Nimuendajú ([1914] 1987). Borges (2002: 55) mostra que alma da criança ainda não nascida pode aparecer em sonho para o pai e lhe contar seu nome, mas apenas uma confirmação final do rezador poderá referendar este nome.

4. Constituição de 1988; Lei Darcy Ribeiro n. 9.394/96, de 20.dez.1996.

construção de um local adequado para se viver segundo certos preceitos religiosos, o que aponta para a busca da constituição de um *tekoá*, um lugar onde os Guarani vivam de acordo com o seu *tekó* ou *rekó*, seu modo de ser.

Neste artigo discorrerei sobre a participação e o papel das crianças neste contexto político-religioso, através da descrição de sua atuação nas rezas, no coral e na escola, concebidos como espaços/momentos privilegiados de ensino-aprendizagem da “tradição”. Para isso parto dos pressupostos das pesquisas recentes da Antropologia da Educação (Pelissier 1991) e da Infância (Silva, Nunes & Macedo 2002; James & Prout 1997) assumindo uma perspectiva que está atenta à atuação da criança como um sujeito ativo na construção da vida social e no desenrolar dos processos educativos, às especificidades das noções de infância de diferentes grupos sociais, ao caráter histórico e processual da educação e à interatividade das relações de ensino e aprendizagem.

### As crianças Guarani

Antes de abordar a atuação das crianças na vida social da aldeia é necessário definir quem são as crianças do ponto de vista Guarani. Um caminho para o entendimento da categoria nativa de infância está na atenção ao modo pelo qual os Guarani estabelecem os limites entre as diferentes categorias de idade. Aqui, apresentarei uma breve sistematização das categorias de idade, tal como são referidas pelos Guarani de M'Biguaçu.

**Tabela. Categorias de idade com distinção de gênero.**  
Grifo na categoria *Kyringué* – criança.

Idade aproximada	Sexo masculino	Sexo feminino
0-3 anos	<i>Myntaĩ</i> (nenês)	
<b>3-13 anos<sup>5</sup></b>	<b><i>Kyringué</i></b> <b><i>Ava í</i> (menino) <i>Kunhã í</i> (menina)</b>	
13-18 anos	<i>Kunumy</i> (moço)	<i>Kunhãtã í</i> (moça)
20-50 anos	<i>Tudjá</i> (homem adulto)	<i>Vaivi</i> (mulher adulta)
A partir dos 60 anos	<i>Tudjá í</i> (velhinho)	<i>Vaivi í</i> (velhinha)

Os *Myntaĩ* (nenês) dependem inteiramente do cuidado dos mais velhos. Geralmente estão nos colos de suas mães e de seus irmãos, que improvisam panos ao estilo de uma tipóia, para carregá-los junto a suas cinturas. Quando estão soltos, engatinhando ou arriscando seus primeiros passos, sempre há alguém por perto acompanhando seus afazeres, fazendo-lhes carinhos, brincadeiras ou cuidando para que não se machuquem.

As *Kyringué* (crianças) apresentam uma maior autonomia em suas ações cotidianas e desempenham um papel mais ativo nas atividades da aldeia. Apesar de não haver uma distinção terminológica entre *Kyringué* maiores e menores, no dia-a-dia, elas não constituem um bloco homogêneo. As crianças menores são livres de ocupações: pela manhã acordam, recebem o alimento preparado por suas mães ou irmãos e saem de casa para brincar. Geralmente brincam em frente à escola, e vez em quando entram na sala de aula, sentam-se nas carteiras e fazem desenhos. Na hora do recreio, comem a merenda e brincam junto às crianças maiores, mas logo são chamadas por suas mães para voltarem para casa, pois apesar de terem liberdade para circularem sozinhas pela aldeia sempre há alguém verificando o que estão fazendo. Seus dias se passam assim, em meio a brincadeiras. Ao entardecer, durante os ensaios do coral, põem-se a cantar e dançar, e mesmo sem ocuparem uma posição definida guardam na memória todas as canções. Ao anoitecer, sua participação na *Opj* é descontraída, entram e saem, brincam lá dentro e algumas vezes can-

5. A partir do momento em que se tornam “adolescentes” os indivíduos de sexo masculino são chamados *Ava* e os de sexo feminino são chamados *Kunhã*, termos que, segundo meus interlocutores, não correspondem a categorias de idade mas apenas marcam a diferença de “sexo” e estão relacionadas a questões biológicas, de maturação.

tam e tocam instrumentos, mas ao sentirem cansaço aconchegam-se ao lado de suas mães e dormem.

A partir dos seis ou sete anos, as crianças passam a ter um cotidiano composto por ocupações pré-definidas. Pela manhã, preparam seu próprio café-da-manhã e partem para a escola. Ao longo do dia não deixam de brincar, mas assumem algumas atribuições na vida da aldeia. Cuidam de seus irmãos menores, iniciam atividades de artesanato, ajudam no preparo de alimentos em casa e auxiliam os adolescentes em algumas tarefas como na coleta de lenha na mata, onde cumprem tarefas mais leves como carregar gravetos. Algumas crianças maiores fazem parte do coral. Participam ativamente das rezas na *Opyj*, cantando, dançando, tocando instrumentos, e até mesmo auxiliando o *Karai* nas atividades de cura. Suas vidas continuam restritas à aldeia e não têm liberdade para sair de lá sozinhos. As incursões ao mundo *djuruá* (não-índio) restringem-se às apresentações do coral e viagens familiares.

Algumas evitações<sup>6</sup> e prescrições marcam a passagem da infância para a adolescência para meninos e meninas. A mudança de categoria implica novas atribuições sociais. Os *Kunumy* (moços) ajudam o pai a buscar lenha no mato, vão à venda sozinhos, carregam comida e aprimoram suas habilidades na confecção do artesanato, especialmente bichinhos de madeira. As *Kunhātã í* não podem mais brincar, ajudam a mãe em seus afazeres domésticos, principalmente a preparar a comida e a lavar roupa, e começam também a se aperfeiçoar na confecção de artesanato: colares, cestarias e zarabatanas. Esta época é marcada pela ida a “bailões” nas cidades próximas e pelo estabelecimento de laços afetivos, “namoros”, entre moços e moças, preferencialmente Guarani, quer sejam de M’Biguaçu ou de outras aldeias. Além disso, alguns jovens passam a freqüentar a escola dos

6. Quando o menino começa a apresentar a voz mais grave, não pode comer à noite e não pode mais brincar. Não deve falar muito, nem falar no mato, e nem tomar banho de rio, pois pode pegar *odjepota* (encantamento sexual). Após um período de mais ou menos um ano estas proibições são abolidas. Logo quando tem a primeira menstruação, a menina corta os cabelos, até então nunca cortados. Um pano é posto entorno da cabeça, para evitar dores de cabeça e “fria-gem”. É improvisado para ela um canto separado da casa que pode ser um quarto ou um lugarzinho feito com lençóis e cobertores. Deve permanecer durante um mês restrita a esta área da casa, sendo iniciada para a vida adulta, aprendendo afazeres como o artesanato. Não pode sair, o que inclui a interrupção à freqüência das aulas na escola. Nem sorrir, nem ver televisão. Deve alimentar-se com comidas leves como arroz puro e *mbojapé*. Não deve comer doce nem gorduras. A menina também deve, ao sair de casa para realizar alguma tarefa andar depressa e realizá-la rapidamente. Nesta fase de passagem são o *tche ramôí*(avô) e a *tche jary í*(avó) que aconselham meninos e meninas respectivamente em relação ao comportamento que devem manter durante o período de passagem e a partir dele. Durante o período de passagem, rituais específicos são realizados na *Opyj*, os quais não tive a oportunidade de presenciar.

*djuruá* (não índios).

Tendo delimitado o período correspondente à infância Guarani, apresento a seguir uma descrição da sua atuação nos contextos da escola, do coral e das rezas.

## As crianças e a religiosidade

Em reconhecida obra sobre os Apapocuva-Guarani, Curt Nimuendajú ([1914] 1987), ao descrever as atividades de reza entre os Guarani, em nenhum momento se refere à atuação das crianças, a não ser quando, através de um desenho, mostra os movimentos de danças dos homens e mulheres e indica em determinado local do que chama “casa de dança” a presença de “crianças adormecidas”. Em M'Biguaçu as *Kjringué* participam de modo ativo das rezas noturnas realizadas diariamente na *Opj*.

As atividades de reza Guarani, chamadas em M'Biguaçu de *mborai*, incluem o canto, a dança, o toque de instrumentos musicais e sessões de cura. Ao anoitecer, os Guarani reúnem-se na *Opj*. Alguns se sentam em roda sobre bancos dispostos ao redor do fogo, outros se dispõem sobre seus cobertores, tomam *kaÿ* (chimarrão) e impreterivelmente fumam seu

*petyngué*<sup>7</sup> (cachimbo). As *Kjringué* (crianças) fazem o mesmo, sustentando pequenos *petyngué*. Este momento inicial é marcado por certa descontração: as pessoas estão chegando, trocam cumprimentos e conversam. As *Kjringué* passam as mãos nos cabelos umas das outras, riem e conversam entre si. A fumaça da fogueira e do tabaco e o odor que produzem atribuem ao ambiente uma “atmosfera” peculiar. Desde o momento em que entram na *Opj* para rezar, os indivíduos de sexo masculino são chamados *Yvyraidjá* (dono da madeira: *yvyrá* – árvore, *idja* – dono) e os de sexo feminino, *Kunhá Karai*<sup>8</sup> (mulher *Karai*), termos sagrados que indicam a cooperação com o trabalho do curandeiro.

Muitas vezes são as *Kjringué* (crianças) que iniciam a reza. Formam uma fileira e, uma a uma, realizam uma espécie de “benção” nos presentes, colocando uma mão em suas cabeças e borrifando a fumaça do *petyngué* sobre as mesmas. Em seguida, as *Kunhá í* (meninas), a partir de sua iniciativa própria, às vezes seguidas por algumas *Kunhâta í* (moças), colocam-se umas ao lado das outras próximas ao altar, e com a cabeça voltada para o leste<sup>9</sup> começam a

7. Na mitologia Guarani, ao criar os seres humanos: “Nhamandu fez existir as imagens desse tempo, a chama como calor e luz, a bruma como signo da chama. Haverá nesse mundo uma dupla cópia dessa bruma: de uma parte a neblina que os primeiros longos sóis fazem surgir acima das florestas no fim do inverno; de outra parte, a fumaça do tabaco que fumam em seus cachimbos os sacerdotes e os pensadores indígenas.” (Clastres 1990: 27) De acordo com um interlocutor Guarani de M'Biguaçu: “O *petyngué* é um instrumento de comunicação direta com o Nhanderu (nosso pai/deus).”
8. Este termo também é utilizado em referência a mulher que é uma líder religiosa de fato. Este caso de polissemia, dentre outros, confirma a afirmação de Montardo (2002: 32): “Uma característica dos termos que se relacionam ao ritual e ao xamanismo [Guarani] é a polissemia.”
9. Karai O' Kenda me disse que: “O Guarani quando reza deve ficar voltado para o leste, a direção do sol,

cantar, dançar e bater no chão o *takuapu*, instrumento feminino que consiste num bastão feito de taquara e utilizado na marcação do compasso das músicas. O canto/dança é acompanhado pelo *ravé* (rabeça) e *mbaraka* (violão), tocado por homens.

Enquanto isso, o *Karai*, sentado em um banco ao redor do fogo, prepara-se para a sessão de cura<sup>10</sup>, fumando *petynguá* junto a seus “auxiliares especiais”, que são seu filho mais velho, *Karai O Kendá*, um neto “adolescente” chamado *Karai Wherá* e seu neto de oito anos de idade, *Karai Mirim*. Os “auxiliares” mais jovens são denominados *Yvyraidja í Kuery* (pequenos *yvyraidja: í* – pequeno, *kuery* – plural). *Karai O’Kendá*, “auxiliar mais velho”, é chamado *Yvyraidja Tenondé* (*tenondé*: aquele que está adiante).<sup>11</sup>

Em seguida, um banco é posto no centro

o *Nhamandu*, e se concentrar. Desta forma ele consegue ver através da parede, o sol e o mar.” De acordo com Nimuendaju ([1914] 1987: 100) os Guaraní “realizam todos os seus atos religiosos com o rosto voltado para o sol nascente...”. Numa outra passagem o autor afirma: “Mais de uma vez ouvi os Apapocuva afirmarem que o sol é o verdadeiro pai de tudo o que existe na terra...” (1987: 65).

10. Como já foi apontado por Littaif (1996), entre os Guaraní é impossível dissociar rezas e cura.

11. Nimuendajú ([1914] 1987: 42) afirma que *yvyrai já* é o ajudante especial do pajé. O autor também refere-se ao termo *yvyraijá* (neste caso grifa-se tudo junto) para designar um tipo de melodia acelerada e com forte marcação rítmica ([1914] 1987: 36). Segundo Montardo (2002: 32-33): “O termo *yvyra’ija*, etimologicamente, quer dizer “dono da madeira pequena” e é usado em várias situações. Uma delas é a designação dos ajudantes do xamá na execução do ritual, bem como dos ajudantes divinos, os mensageiros do herói criador.[...]. As pessoas têm seus *yvyra’ija* também, seres que as acompanham e as protegem de situações difíceis. [...] *Yvyra’ija* é utilizado também para falar das canções do repertório do jerokey que tem andamento rápido e são acompanhadas por coreografias de lutas.” Este gênero musical “... entre os Mbyá, teria correspondência com o Xondaro ou Sondaro” (2002: 225).

da *Opj* e para lá se encaminha a pessoa que será curada. Os “benzedores”, entre eles o pequeno *Karai Mirim*, aproximam-se em fileira, com o tronco rígido, levemente inclinado para frente e os braços um pouco afastados do corpo, caminhando lentamente, passo a passo, sempre fumando seu *petynguá*. O *Karai* entoa o *nhenmongarai*,<sup>12</sup> reza/canto específico para cura, circunda o doente e borrifa a fumaça do *petynguá* sobre ele. Toca o corpo do doente e age como se dele estivesse extraindo algo com as mãos, e concomitantemente realiza com a boca uma espécie de sopro. Nesses atos é sempre seguido pelos outros “benzedores”, que fazem o mesmo, inclusive o pequeno *Karai Mirim*. O momento de êxtase ocorre quando o *Karai* “extraí do corpo do doente” uma semente, que segundo os Guaraní personifica o “mal”, a “doença” que está no corpo da pessoa.

*Karai Wherá*, o *Kunumy* (moço) que participava da cura, me disse que as *Kjringué* que participam das sessões são responsáveis por curar apenas doenças mais leves. Já *Karai O’Kendá*, o *Yvyraidja Tenondé*, falou que as *Kjringué* também têm o poder de curar e a presença destas é importante, pois delas se retira força visto que são “puras e sagradas”. *Karai Mirim*, por sua vez, me disse sem eu nada perguntar: “Eu sou ‘benzedor’ e seguro o *petynguá* para o meu avô”. De fato, especialmente enquanto o *Karai* “retira a doença” do corpo do doente *Karai Mirim* é quem segura o seu *petynguá*.

O *Karai* me disse uma vez que, assim como ele decidiu aprender a curar com seu falecido pai, “o interesse em ser curandeiro parte das próprias *Kjringué*, porque cada um escolhe seu próprio caminho. O problema é daquele que escolhe o caminho errado...” Porém, ainda segundo o *Karai*, elas estão livres para desistir a qualquer momento, e apenas as que “agüen-

12. Nimuendaju ([1914] 1987: 31) afirma que o “*ñeëngarai* (...) constitui o ponto culminante de toda dança de pajelança.”

tam” (*ndepyaguachu*)<sup>13</sup> permanecem. Logo que iniciei minha pesquisa um outro *ava í* (menino) participava junto a Karaí Mirim das sessões de cura, mas geralmente ele se cansava antes deste e no meio da sessão juntava-se a “roda de chimarrão”. Com o tempo, simplesmente deixou de participar. Sobre isto Karaí Mirim comentou: “Ele não ‘agüenta!’”.<sup>14</sup>

Após as sessões de cura, as rezas são retomadas com a participação de “adultos”, “adolescentes” e também das “crianças”. A participação dos *Myntaĩ* (nenês) é mais descontraída, mas os mais velhos acreditam que os Guarani devem participar da reza desde cedo, pois “aos poucos vão entendendo o sentido”. Geralmente os bebês ficam dormindo nos cobertores estendidos no chão ou brincando. Vi algumas vezes Mbodjeré, de um ano de idade, tentando tocar um *takuapu* que tinha o dobro do seu tamanho e acompanhar balbuciando alguns cantos. Sua mãe e outros presentes riram e se mostraram muito orgulhosos com o feito.

As rezas diárias costumam ser finalizadas perto das 21 horas. Segundo Karaí O' Kendá: “Os Guarani de outras aldeias viram a noite rezando. Aqui nós não podemos pois as crianças têm aula no dia seguinte...”.

Muitas vezes, cedo pela manhã, as *Kjringué* entoam músicas repentinamente. Em uma conversa Karaí O'Kendá me falou que, por serem “mais puras”, elas têm facilidade em receber músicas das divindades e que quando ouve alguma criança entoando uma música que ninguém conhecia antes, sabe que foi “recebida” em reza. Pelo que pude perceber, a música re-

cebida pelas crianças não possui letra.<sup>15</sup>

Através do que foi descrito acima se pode observar que em M'Biguaçu as *Kjringué* participam de modo ativo das atividades religiosas da aldeia e realizam elaborações significativas a respeito das mesmas. Sustentam uma postura autônoma em toda sua atuação nas rezas. A figura de Karaí Mirim, o pequeno “benzedor”, ilustra exemplarmente esta autonomia, pois sua inserção, bem como sua permanência no cargo, dão-se a partir de uma escolha pessoal baseada no seu “interesse” em participar. Ninguém tem o poder de coagir uma *Kjringué* a assumir este papel, nem a permanecer nele.

O modo autônomo pelo qual as *Kjringué* inserem-se na vida religiosa da aldeia pode ser compreendido se atentarmos a uma característica fundamental da religião Guarani, que consiste na valorização da experiência religiosa pessoal e na crença de que o aprendizado das rezas se dá através de uma relação direta entre o indivíduo e *Nhanderu*. De acordo com Schaden (1974), os Guarani-Nandeva afirmaram-lhe que não ensinam as rezas às crianças pois estas são individuais e mandadas diretamente pelas divindades. Assim, as crianças participam das cerimônias familiares e comunitárias, aprendendo o que faz parte do “patrimônio grupal” e esperando que suas rezas lhes sejam enviadas durante o sonho. Clastres (1978), por sua vez, destaca que para os Guarani as relações com o sagrado são sempre pessoais e que depende do indivíduo pessoalmente, segundo seu desejo e esforço, alcançar a *aguyje* (estado de completude/perfeição, imprescindível para se atingir a “Terra sem mal”). Aponta também que o *arandu porã* (belo saber, inspirado pelas

13. A tradução literal deste termo é: o que tem coração grande. *Nde* – 2ª pessoa do singular, *pya* – coração, *guachu* – grande. Um interlocutor afirmou que, além de “agüentar” esta palavra significa “rezar com o coração e ter coragem.”

14. Alguns meses depois em uma visita a aldeia fiquei sabendo que ele havia voltado a participar como “auxiliar” das sessões de cura.

15. Durante a descrição de um ritual *mbya* e *chiripá*, Montardo (2002: 128) chama a atenção para o fato de que um pajé lhe falou que por ser muito jovem a reza de determinado rapaz de quinze anos ainda não tinha palavra. Tudo indica, poranto, que as rezas só passam a ter palavra na idade adulta.

palavras dos deuses que revelam, entre outras coisas, as normas do *aguyje*) não varia com o indivíduo que o detém, mas sua aquisição não é coletiva e só pode ser desvendado numa comunidade singular com as divindades.

Uma outra noção que apareceu e mostrou ser de grande importância no contexto religioso dos Guarani de M'Biguaçu, presente até mesmo nos discursos das próprias *Kyringué*, é a de “agüentar”/ “suportar” / “ter coragem de enfrentar” (*ndepyaguatchu*) as dificuldades. Isso pode ser constatado no modo como é encarada a permanência ou não da *Kyringué* no papel de benzedor, interpretado como uma questão de “agüentar” a situação da cura. Este “agüentar” neste caso significa uma disposição para o exercício da cura, que de acordo com Karai O'Kendá não consiste numa tarefa simples, pois implica que “a alma do benzedor entre na alma do doente”, o que exige uma certa preparação pois “os problemas dos outros podem ser fortes e podem causar uma reação naquele que o está curando”. “Agüentar” e “ter coragem”, ambas definidas pelo termo *ndepyaguatchu*, vão de acordo com aquilo que Clastres (1978) apontou como qualidades que os Guarani acreditam ser essenciais para alcançar o *aguyje*, a saber: a perseverança obstinada (*mburu*), a coragem (*py' aguachu*) e a força espiritual (*mbaraete*). Segundo a autora, o *mburu* pode ser atribuído a quem consagra tempo aos cânticos e palavras, à dança e ao jejum. Apenas o manter-se no esforço permite adquirir *mbaraete*, a força por excelência, e o *py'aguachu*, o coração grande. Força e coragem para enfrentar sozinho a grande água, e desta forma chegar a *yvy marã ey*.

Se partirmos da fala do *Karai* de que cada um “escolhe seu próprio caminho”, podemos afirmar que em M'Biguaçu as *Kyringué* têm es-

colhido seguir o “bom caminho” indicado por este líder espiritual. Esta escolha é acatada e incentivada pelos outros Guarani, que, partindo da noção de que as *Kyringué* são “seres puros e sagrados” e “fonte privilegiada de força para o bom rendimento dos processos curativos”, consideram-nas seres aptos a lidarem com assuntos de extrema importância e delicadeza e de grande influência no bem estar de todo o grupo.

### A participação das crianças no Coral *Yvjtchĩ Ovj* (Nuvens Azuis)

O Coral *Yvjtchĩ Ovj*<sup>16</sup> mantém ensaios regulares e uma agenda lotada de apresentações. Essas apresentações são realizadas durante todo o ano, na própria aldeia, em cidades próximas e até mesmo em outros estados. Além disso, o coral alcançou em 2003 sua mais esperada conquista, a gravação de um CD.<sup>17</sup>

Segundo Coelho (1999: 26) uma parte das canções que compõem o repertório do coral são aquelas canções que o *Karai* aprendeu na sua infância e que ele lembrou devido a um interesse demonstrado por seus filhos “em saber como eram essas canções que já estavam esquecidas há muito tempo.” O *Karai* passou a cantá-las e um de seus filhos, Karai Djerá (na época apenas um *Kunumy* – moço), fez os arranjos, “... para então ensiná-las às crianças.” Em uma conversa que tive com o *Karai*, este me falou: “os cantos do coral foram recebidos por mim em reza e depois meu filho anotou as letras e melhorou com o violão. Mais tarde ele mesmo passou a ‘recebê-los’ em sonho e até mesmo durante o dia. *Nhanderu* lhe falou o que ele devia cantar...”.

Apesar do coral não ser constituído apenas

16. De acordo com Clastres (1990: 35), entre os Guarani: “São chamadas de azuis todas as coisas e todos os seres não-mortais que povoam o território celeste do divino.”

17. CD *Nhêe garai marã ejn*. FAPEU, BADESC, Governo do Estado de Santa Catarina, 2003.

pelos *Kjingué*, os Guarani costumam referir-se a ele como “coral das crianças”.<sup>18</sup> Os componentes do coral vestem-se com trajes elaborados por Karáí Djerá a partir de visões. Os trajes apresentam diferentes cores, às quais correspondem categorias mitológicas. A cor vermelha, utilizada pelos *Tudja* (adulto), corresponde à categoria do *Sondaro* (Guerreiro). A cor verde, utilizada pelos *Kunumy* (moço), corresponde à categoria dos *Sondaro mirim* (pequeno soldado). A cor branca, utilizada pelos *Ava í* (menino) e *Kunhá í* (menina) menores, corresponde à categoria dos *Yvyraidja* (dono da madeira pequena).<sup>19</sup> E a cor azul, utilizada pelas *Vaivi* (mulher), *Kunhâta í* (moça) e *Kunhá í* (menina) que estão prestes a tornarem-se *Kunhâta í*, corresponde à categoria das *Sondarya í* (*ya* – indica flexão de gênero). Ocorre portanto, uma reclassificação das categorias de idade em termos de categorias mítico-religiosas.

Segundo a explicação de um interlocutor:

Os *Sondaro* são aqueles que comandam o coral e os *Sondaro mirim*, são seus “aprendizes”. As *Sondarya í*, são as pequenas soldadas... Esses termos têm a ver com guerras entre grupos indígenas que não existem mais. Hoje a gente ataca e se defende do mundo aí fora...

Essas categorias são utilizadas, portanto, em um sentido bélico que remete a um passado povoado por guerras intertribais. Na atualidade esta atitude guerreira seria acionada frente aos perigos cotidianos, entre estes o relaciona-

mento com os *djuruá* (não-índios).

De acordo com outro interlocutor, a categoria dos *Yvyraidja*, a qual pertencem as duas pequenas *Kunhá í* e os dois *Ava í*, tem grande importância pois considera-se que eles cuidam dos mais velhos. Isto está de acordo com uma das definições apontada por Montardo (2002: 32-33) para o termo *Yvyra'ija*, como seres que protegem as pessoas em situações difíceis. Meu interlocutor me falou ainda que eles são considerados os “donos da palavra”, atentando-me para o fato de que são eles que ao término de cada canção pronunciam em alto tom “*Aguydjeuete!*”, ao que os outros respondem “*Aguydjeuete!*”.

A classificação dos componentes nessas categorias guardam certo grau de equivalência com a atuação dos mesmos nas rezas e com as categorias que eles então assumem. Isto pode ser vislumbrado na fala deste interlocutor:

Os *Sondaro* do Coral são aqueles mesmos que conduzem os cantos na *Opj*, tocam o *mbaraká* e o *ravé*. Os *Sondaro mirim* são os que tocam os outros instrumentos nas rezas. As *Sondarya í* são as *Karái Kunhá*, meninas, moças e mulheres que cantam e tocam o *takuapu*. Os *Yvyraidja* são os pequenos que ajudam o *Karái*.

Portanto os Guarani entendem que a cada categoria do coral corresponde uma categoria de reza. A categoria *Sondaro*, que, segundo um interlocutor, não é acionada durante as rezas, aparece no coral. Ela é desempenhada pelos *Ava*, que são aqueles que durante as rezas cumprem

18. Durante a redação da dissertação assisti a uma apresentação feita apenas por “crianças” e “adolescentes”, sem a presença de homens e mulheres. Surpreendeu-me a confiança dos Guarani no trabalho dos mais jovens.

19. Este termo tanto é utilizado para designar a todos os *Ava* (homens) durante as rezas, que são concebidos sem exceção como auxiliares do *Karái*, como é utilizado em referência a seus “auxiliares especiais”, que exercem com ele especificamente as atividades de cura.

o papel de *Yvyraidja*, entendido aqui no sentido de auxiliar do xamã de modo geral. Os termos *Yvyraidja* e *Sondaro*<sup>20</sup> são deste modo aproximados, tornados equivalentes, no nível reza-coral. Os meninos que são classificados como *Yvyraidja* no coral são justamente os que recebem a denominação *Yvyraidja í* nas rezas por serem “auxiliares” especiais do *Karai* durante as curas.

A continuidade em relação à *Opj* faz-se notar durante os próprios ensaios que lá são realizados ao entardecer. Coelho (1999) afirma que, segundo o que os Guarani lhe disseram, a *Opj* foi construída para se ter um lugar para “cantar e ensaiar”.

Os *Sondaro* se responsabilizam em organizar o espaço, preparar os instrumentos musicais, e exigir que todos os componentes compareçam aos ensaios. E ainda são eles que chamam a atenção daqueles que se mostram distraídos ou estão conversando. Durante um dos ensaios que presenciei, ao perceber o pouco envolvimento de algumas *Kunhá í* e *Kunháta í*, o *Sondaro* Karai Djerá pediu a todos que parassem de cantar e dançar e proferiu um discurso em tom solene, durante o qual falou: “Todos nós temos que nos ‘concentrar’, cantar pensando no *Nhande-ru* e não ter vergonha dos outros...”<sup>21</sup> Após essa fala os componentes fumaram um *petyngué*, passando-o de mão em mão, e recomeçaram a cantar e dançar com muito entusiasmo.

Nos dias de apresentação todos costumam

20. Na literatura (Mello 2001; Montardo 2002, entre outros) o termo *Yvyraidja* é utilizado no sentido de “mestre do *Sondaro*”, o que aponta para uma equivalência entre ambos.

21. Montardo (2002: 242) já apontou a importância da concentração para os Guarani no cotidiano e nos rituais xamanísticos. Em relação aos rituais, afirma que “ocorre uma alteração ou ampliação de estado de consciência provocada pela conjugação de vários fatores, sendo um deles a *concentração*”. Ainda segundo a autora: “Entre os Guarani a concentração é uma atitude valorizada também no cotidiano. A pessoa deve estar inteira no que está fazendo. (...) No caso do ritual, esta concentração é levada ao extremo”.

reunir-se na entrada da aldeia e esperar o ônibus locado pela instituição que os contratou, o qual vem buscá-los para levá-los até o local onde a apresentação será feita. As *Kjringué* são sempre as primeiras a descer a aldeia para esperar a chegada do ônibus. Enquanto o ônibus não chega, os instrumentos vão sendo afinados, e as *Kunhá í* e *Kunháta í* retocam suas vestimentas, cabelos, fazem maquiagens e põem colares. As *Kunháta í* ajeitam as *Kunhá í*, ajudando-as a se vestir, fazendo tranças em seus cabelos, ou enfeitado-as com colares e pintando suas faces.

Esta incursão ao mundo *djuruá* toma a característica de um passeio. É marcada pela descontração e alegria, mas, ao mesmo tempo, exige o seguimento de algumas regras de comportamento, entre as quais: o cuidado em não se afastar do grupo e o respeito ao “modo de ser do branco”. As crianças costumam ser bastante silenciosas ao longo da viagem de ônibus, algo que contrasta com o comportamento das crianças não-índias em ônibus escolares ou turísticos. Vez ou outra as *Kjringué* entoam algum canto durante o trajeto.

Em todas as apresentações chamou-me atenção a presença de familiares. Entre eles destaco a presença do *tcheramói* (avô) e da *tchejarj í* (avó). O *tcheramói* que, como já foi dito, é o *Karai*, costuma ser chamado para discursar ao público a respeito da situação atual dos Guarani e da vida em M’Biguaçu. Puxa o canto *Nhê e mbaraete* (traduzido como “O poder do grande espírito”<sup>22</sup>) que costuma ser evocado por ele durante as rezas na *Opj*. Karai O’Kendá apresenta o coral, responde às perguntas feitas pelo público, e faz alguns comentários sobre a letra das canções.

As apresentações feitas pela manhã contam como atividade de aula e são assistidas pelas crianças *pongué* (“mestiças”). Estas crianças costumam prestar atenção no coral durante certo tempo, mas logo cansam-se e começam a brin-

22. Tradução retirada do encarte do CD anteriormente citado.

car. Muitas vezes fazem barulho enquanto o coral está se apresentando, o que causa certo desconforto por parte dos Guarani, que tecem comentários a respeito de seu “mau comportamento”.

Durante as apresentações, os componentes cantam sempre com muito afinco e os Guarani que estão na platéia acompanham atenciosamente. O modo apaixonado com o qual as *Kjringué* realizam as apresentações não passa despercebido pelos *djuruá*, que ao observá-los cantando e dançando de olhos fechados, exclamam frases como: “Que concentração!”.

Em épocas festivas para os *djuruá*, especialmente na “Semana do dia do índio”, o coral costuma se apresentar várias vezes. Nos intervalos das apresentações, os “adolescentes” e “adultos” costumam sentar-se nos pátios externos das escolas e estádios, onde se apresentam, para conversar e fumar. As *Kjringué* aproveitam essas pausas para brincar muito nas quadras de esporte, nos parquinhos, ou em qualquer local onde possam se movimentar à vontade. Às vezes aproveitam para coletar pequenas sementes que caem das árvores, guardando-as em seus bolsos para utilizá-las na confecção de colares.

Nos períodos de intervalo ocorre uma maior interação entre os Guarani e os *djuruá*. As crianças *djuruá* olham com curiosidade para as *Kjringué* Guarani e procuram se aproximar destas por meio de perguntas variadas sobre a vida na aldeia, tais como: “O que vocês comem lá?” e até mesmo: “Como é o Natal na aldeia?”. As *Kjringué* Guarani costumam responder com poucas palavras ou simplesmente não respondem. Pude observar que algumas vezes isso ocorre porque elas nem mesmo compreendem as perguntas que lhes foram feitas. Em geral, as *Kjringué* mantêm um certo distanciamento das crianças “não-índias” que me parece estar pautado num sentimento de timidez ou vergonha. Mas isso pode variar de acordo com o modo de abordagem adotado pelas crianças não-índias.

Apresentações em cidades distantes causam grande empolgação nas crianças, são comentadas vários dias antes de acontecerem e requerem ensaios mais árduos. Costumam envolver um número maior de familiares, principalmente as mães que vão para cuidar dos seus filhos.

O coral também realiza apresentações na própria aldeia, quando há visitas de turmas de estudantes *djuruá* de escolas próximas. As *Kjringué* pouco interagem com os estudantes. Algumas se escondem quando avistam um ônibus escolar subindo o morro que dá acesso à aldeia. No entanto, mostram-se sempre entusiasmadas a apresentar o coral. Ao perguntar-lhe sobre o que achava das visitas dos estudantes *djuruá*, uma *Kunhã í* não hesitou em responder: “Eu gosto porque a gente canta!”.

É certo que o Coral *Yvjchj Ovj* consiste numa fonte de renda alternativa para a aldeia. E, ainda, que consiste num novo modo de interação entre os Guarani e os *djuruá*, no qual o canto e a dança são eleitos como símbolo diacrítico. Porém, mais do que isso, a existência de um coral envolve significados religiosos de grande importância interna para o grupo. O coral revela sobretudo um investimento consciente e sistemático no ensino-aprendizagem de cantos, danças e toques de instrumentos e de certas disposições, como a concentração (*edjapitchaka*). Daí a imprescindibilidade da participação do *Karai*, que é considerado detentor privilegiado dos saberes “tradicionais” Guarani, e o envolvimento de adultos, jovens e crianças. O teor educativo do coral pode ser vislumbrado numa afirmação de *Karai O'Kendá* que, ao ser perguntado sobre o significado das canções que compõem o repertório do coral, respondeu: “As canções falam sobre as crianças, a educação e a religião.”

O aprendizado das crianças se dá ao mesmo tempo em que são imbuídas de desempenhar um papel de destaque na vida do grupo, tomando a posição de protetores, guardiões e guerreiros do grupo. Em reza, as categorias

*Yvyraidja*, *Sondaro* e *Sondarya í* são acionadas no enfrentamento dos perigos do mundo sobrenatural. No caso do coral, parece haver um duplo sentido: são acionadas na mediação com um Outro, os *djuruá*.

O coral representa também uma oportunidade de sair da aldeia, algo que pouco ocorre no seu cotidiano. Durante o passeio ao “mundo do *djuruá*”, pode-se afirmar que as *Kyryngué* elegem como modo privilegiado de interação o canto, ocupando assim posição de destaque do qual detêm um saber (musical e cosmológico) respeitado e apreciado pelo outro.

### A Escola na vida das *Kyryngué* Guarani

Durante os dias de semana, as *Kyryngué* Guarani que possuem aproximadamente entre sete e dez anos de idade freqüentam a escola presente na aldeia. Acordam entre seis e sete da manhã e vestem suas roupas. Fazem uma refeição, muitas vezes preparada por elas mesmas, que consiste geralmente em café preto, acompanhado de *mbojapé* ou *tchipa í* (pão e bolinho feitos à base de trigo e água), pegam seu material escolar e partem para a escola para participarem das aulas, que iniciam mais ou menos às oito horas da manhã.

O ambiente da escola é composto por apenas uma sala de aula, que comporta uma turma de alunos multi-seriada, uma turma de “alfabetização” (que corresponde ao 1º ciclo) e uma de “complemento” (correspondente ao 2º ciclo). Metade dos alunos do primeiro ciclo e dois alunos do segundo ciclo fazem parte de famílias consideradas *pongué* (mestiças). Os alunos Guarani e mestiços, do 1º ciclo, sentam-se diariamente em lados opostos da sala, apesar de cursarem ambos o mesmo ciclo. O professor guarani Karaí O’Kendá leciona para a turma do primeiro ciclo e a professora não-índia Isabel Eiko leciona para o segundo.

Apesar do espaço físico da escola apresen-

tar um aspecto convencional – quadro negro, carteiras distribuídas em fileiras e mesa para os professores a frente –, a forma como as *Kyryngué* guarani dão vida a este cenário é peculiar. As crianças sentam-se sobre suas pernas, debruçam-se sobre as mesas, mexem-se bastante. Durante as aulas, há um burburinho contínuo, uma constante circulação das crianças pela sala de aula, um entra e sai de crianças pequeninas que ainda não ingressaram na escola e também de suas mães.

O ensino-aprendizado dos saberes “não-índios” é realizado apenas na medida em que consiste num instrumento para a luta por direitos do grupo e para a intensa convivência com os *djuruá*. O foco central da escola está voltado para o que os Guarani consideram ser o “conhecimento tradicional da sua cultura”. Esse conhecimento é tematizado por meio do desenvolvimento de projetos junto à liderança religiosa do grupo, o *Karai, tcheramói* (avô) de grande parte das crianças.

Pude acompanhar o desenrolar de alguns projetos. Um deles consistiu na plantação de mudas por parte das *Kyryngué* em um terreno acima da escola. Cada criança acompanhou o desenvolvimento de sua muda, realizando visitas semanais à plantação nas quais mediam seu tamanho, verificavam o quanto ela cresceu e a regavam quando necessário. Tudo isso foi registrado através de anotações e desenhos realizados em um diário específico para este fim. Nessa atividade estavam sendo trabalhados conceitos da biologia e matemática. As *Kyryngué* envolveram-se bastante nesse projeto, entusiasmando-se nos períodos em que visitavam suas “plantinhas”. Uma *Kunhá í* (menina), chegou a apresentar uma sugestão que foi aceita por todos: fazer fotografias de cada aluno junto a sua planta. Essas fotografias foram afixadas em porta-retratos produzidos pelas próprias *Kyryngué* em sala de aula e entregues aos seus pais como presente do “Dia dos Pais”.

Tive a oportunidade de observar também um projeto de construção de uma maquete de argila da *Opj*. Karai O'Kendá, que possui grandes habilidades artísticas, esteve à frente dessa atividade. As *Kjringué* por sua vez não deixaram de ajudar, trazendo ripas de madeira, modelando a argila e dando palpites: “O *tcheramói* (avô) não vai caber aí dentro!”, “Vamos ter que diminuir o *tcheramói*!”.

Pesquisas relacionadas a rituais de cura e cerimônias Guarani são realizadas com frequência e costumam suscitar grande envolvimento por parte das *Kjringué*. Durante uma pesquisa os alunos do 2º ciclo ouviram o Karai falar sobre o poder curativo do uso do *petyngué* (cachimbo) e de ervas medicinais dentro da *Opj*. Como atividade complementar realizaram desenhos de objetos rituais, atribuindo seus respectivos nomes, e sob a orientação do professor Karai O'Kendá elaboraram pequenos *petyngué* de argila.

Outro tipo de atividade realizada na escola são as caminhadas pelo território da aldeia sob a orientação do Karai, que indica para as crianças os nomes das espécies de plantas que compõem o terreno e suas propriedades medicinais.

Todos esses projetos, além de outros aqui não citados, tiveram a participação ou até mesmo a idealização (como é o caso dos dois primeiros) do Karai. Além dos projetos realizados em parceria com o mais velho da aldeia, as crianças têm semanalmente momentos de aprendizagem da confecção de artesanato (cestaria e colares) na escola, com Karai O'Kendá.

Não posso deixar de salientar que essa situação é favorecida pela existência de um consenso entre os professores em relação ao que deve ser tematizado na escola. Karai O'Kendá, além de professor, tem ocupado um papel importante na vida religiosa da aldeia, pois vem se aprimorando a cada dia como “benzedor”. A professora Isabel assume uma postura de “pesquisadora da cultura Guarani”, consultando sempre os mais velhos, especialmente o Karai, para o desenvol-

vimento de uma abordagem dialógica dos saberes Guarani e não-índios em suas aulas.

Pode-se afirmar que em M'Biguaçu a escola está numa relação de continuidade com a vida da aldeia e constitui-se num espaço de (re)construção de relações sociais de grande importância para o grupo. Apesar da existência de professores, na escola, o líder espiritual, figura central no contexto atual da aldeia, é reconhecido como aquele que deve ser ouvido.

As *Kjringué* valorizam esta inserção da escola na vida aldeã, participando com entusiasmo das atividades referentes à “tradição”. No depoimento de uma *kunhá í*:

Já estudei em outra escola, mas gosto mais daqui porque a gente estuda Guarani e Português. Senão a gente fala só Português, e isso é ruim, porque a gente perde nossa cultura. Na outra semana vamos fazer história de ervas que a gente conhece. Lá em casa tem uma árvore bem grandão que tem uma folha assim... Meu pai tira, coloca na panela, faz e a gente toma quando dá dor de cabeça. Às vezes eu sozinha vou no mato, buscar remédio, quando minha mãe tá doente. Na semana que vem os professores vai tirar foto e a gente vai escrever. Vamos no mato e o *tcheramói* vai pra tirar o remédio. O remédio do índio é mais forte.

## Considerações Finais: As crianças, a educação e a religião

Acompanhamos a descrição da atuação das *Kjringué* Guarani da aldeia M'Biguaçu em três contextos fundamentais no processo de “valorização da tradição”: as rezas, o coral e a escola. O “resgate e a valorização da tradição Guarani” tem como elemento central a religiosidade, que tanto é acionada na criação de um *ethos* interno, como é eleita símbolo diacrítico na relação com os *djuruá*. A “valorização da tradição” significa fundamentalmente uma preocupação em “não esquecer-se de *Nhanderu*” e em manter uma comunicação inten-

sa com este por meio das rezas. Centralizado que está nos saberes do *Karai*, o “resgate da tradição” exige uma atitude pedagógica, de ensino-aprendizagem desses saberes. Essa pedagogia envolve a todos, e dá-se mediante um duplo movimento: uma “preocupação” em ensinar, por parte das gerações mais velhas, e um “interesse” em aprender, por parte das gerações mais jovens, entre estas as *Kjringu*, de modo que tanto quem ensina como quem aprende são considerados sujeitos no processo de ensino-aprendizagem.

O caráter coletivo da noção de educação Guarani e a inter-relação entre o ensino e a aprendizagem podem ser notados na própria composição dos termos utilizados em referência aos atos de ensinar e aprender. Os Guarani de M’Biguaçu se referem à palavra aprender por *Nhanhembo’é*, que traduzem literalmente como “Vamos aprender” (*nhanhe* – vamos, *mbo’é* – aprender), o que remete a uma concepção que preza a coletividade. A partícula *mbo’é*, que foi traduzida por meus interlocutores como aprender, também é utilizada por estes em referência ao ensinar. Há, portanto, uma sinonímia entre os dois termos, o que indica uma aproximação entre as duas ações. Em uma pesquisa etimológica no dicionário de Dooley (1999), pude verificar que *Nhanhembo’é* é composta pela partícula *lnhal*, que indica 3ª pessoa do plural, *lnhel*, que indica pronome reflexivo, e *lmbó’el*, ensinar. Ou seja, uma tradução literal formal deste termo seria: Nós nos ensinamos, o que aponta para uma noção de aprendizagem como espécie de auto-ensinamento coletivo.

O ensino-aprendizagem da tradição não se dá de modo “natural”, mas implica na constituição de contextos de prática e agência favoráveis ao desenvolvimento de processos educativos. A construção da *Opj*, idealizada pelo *Karai*, e sua ativação como um *locus* de realização de rezas envolveu grande parte dos Guarani de M’Biguaçu. Fundamental foi o interesse de alguns, dentre estes as *Kjringu*, em aprender

cantos, danças e toque de instrumentos, mas também em receber os ensinamentos referentes ao exercício de cura. Isso implica fundamentalmente em um ensino-aprendizado de técnicas e posturas corporais e o desenvolvimento de uma certa resistência física e psicológica para se “agüentar” (*pyaguatchu*) a permanência nas rezas, que além de envolverem sentimentos intensos, muitas vezes têm um longo período de duração. A importância da “concentração” (*edjapychaka*), de “escutar seu coração e o de *Nhanderu*” também é ressaltada.

Desde sua idealização, a formação de um “Coral de Crianças” esteve marcada pela intenção de constituição de um contexto de ensino-aprendizagem voltado mais especificamente à educação das *Kjringu*. O termo pelo qual os Guarani de M’Biguaçu se referem à palavra ensinar é o mesmo pelo qual se referem à palavra aprender, *Nhanhembo’é*. Em relação de continuidade com a *Opj*, a participação no coral propicia uma formação no mesmo sentido.

A implantação de uma escola, do mesmo modo, envolveu uma preocupação com a educação das *Kjringu*. No processo de “resgate” cabe às *Kjringu*, além do aprendizado da língua e da história, a problematização de assuntos referentes à vida religiosa da aldeia, na qual elas mesmas estão ativamente inseridas. Espaço de ensino-aprendizagem da “tradição”, a escola é chamada pelos Guarani de *nhanhemboeaty*, que eles traduzem literalmente como “lugar onde a gente aprende”.

Apesar de haver claramente uma intenção das gerações mais velhas na formação das gerações mais novas, esta não é concebida como uma mera assimilação de saberes e exige um envolvimento consciente e prático das crianças. Nas rezas e no coral, enquanto aprendem, as *Kjringu* simultaneamente assumem posições que possuem importante significação mítico-religiosa. São consideradas “protetoras”, “auxiliares” (*Yvyraidjá*) e “guerreiras” (*Sondaro mirim / Sondarya*) e atuam como mediadoras dos

adultos na relação com dois Outros: o “mundo sobrenatural” e o “mundo *djuruá*”. Na escola, o bom andamento dos projetos depende principalmente de seu envolvimento nos mesmos.

A partir do ponto de vista Guarani, pode-se afirmar que aquilo que a criança aprende com o grupo, especialmente com o *Karai*, consiste apenas em meios para se atingir um tipo mais pleno de aprendizado, aquele que se dá diretamente entre o indivíduo e o *Nhanderu*, as divindades e os antepassados. O líder religioso é quem indica o “bom caminho”, aponta para a “direção” que leva a *Nhanderu*. Cabe ao próprio indivíduo, a partir de seu “interesse”, “escolher” segui-lo ou não. Como escolhedoras de seus próprios “caminhos”, as *Kyringué* seguem

de modo autônomo a direção indicada pelo *Karai*, o *tcheramô*i (avô).

O fato de “escutarem” *Nhanderu* não impede que tenham um certo deslumbramento em relação aos *djuruá*, e que estejam sempre dispostas a realizar incursões a este “outro mundo”. Mas mesmo nesses momentos é à “tradição” que recorrem para se relacionar com o Outro. Ao eleger o canto como modo privilegiado de comunicação interétnica, escolhem assumir-se como crianças Guarani.

Enfim, as *Kyringué* Guarani de M'Biguaçu assumem em seu dia-a-dia papéis de extrema importância para a vida social do seu grupo: são crianças-religiosas, crianças-cantoras e crianças-estudantes. Apesar da seriedade inerente a estes papéis, estas *Kyringué* não deixam de encontrar modos de, em meio a estas experiências, ocupar grande parte de seu tempo em brincadeiras, ensinando aos adultos que não precisam deixar de lado a vivência lúdica do mundo para participarem ativamente do processo de fazer-se Guarani na atualidade.

